DAVAR
POLISSÊMICA

Cultura material, religião e textos sagrados: Intersecções e novas possibilidades de estudo

Paulo Gabriel Mota Bonfim[1]
Mestrando em Ciências da Religião na PUC Campinas

Caio Henrique Esponton[2]
Doutorando em Ciências da Religião na PUC Campinas

Victor Brocenschi[3]
Mestrando em Ciências da Religião na PUC Campinas

Resumo: Este artigo examina a "virada material" nos estudos de religião, defendendo que a análise do fenômeno religioso deve incluir suas dimensões concretas, sensoriais e históricas. O objetivo é discutir como a materialidade, especialmente dos textos sagrados, constitui parte indissociável da experiência religiosa. Metodologicamente, o estudo combina revisão bibliográfica (Morgan, Meyer, Toniol, Souza) e análise de um estudo de caso, com destaque para o Islã, analisando o Alcorão e práticas associadas (recitação, manuseio, uso como amuleto). Os resultados apontam que o texto sagrado articula sua materialidade física aos sentidos culturais e religiosos que lhe são atribuídos. Conclui-se que compreender a religião a partir dessa perspectiva amplia o campo epistemológico, integrando corpo, objetos e sentidos na análise da experiência de fé.
Palavras-chave: Religião Material. Textos Sagrados. Materialidade. Estudos de religião. Epistemologia.

Recebido em: 17 mar. 2026 Aprovado em: 12 out. 2026
DOI: https://doi.org/10.29327/2401156.20-11

[1] Mestrando pelo PPG em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Modalidade 002. Graduação em Filosofia pela Universidade São Francisco. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/3527460378453441 Orcid: https://orcid.org/0009-0004-0365-1180 E-mail: paulogabriel668@gmail.com
[2] Doutorando em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mestre em Ciências da Religião e bacharel em Filosofia pela mesma universidade. É licenciado em Filosofia, História e Pedagogia e Artes. Especialista em espiritualidade pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo - Pio XI (UNISAL). CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/4951468011927175 Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3916-3929 E-mail: caio.h.e@hotmail.com
[3] Graduação em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestrado em andamento em Ciências da Religião, no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/2850998027372709 Orcid: https://orcid.org/0009-0003-0165-3804 E-mail: victor.brocenschi@hotmail.com

DAVAR
POLISSÊMICA

Material Culture, Religion, and Sacred Texts:
Intersections and new possibilities for study

Abstract: This article examines the "material turn" in the study of religion, arguing that an analysis of the religious phenomenon must include its concrete, sensory, and historical dimensions. The objective is to discuss how materiality, especially that of sacred texts, constitutes an inseparable part of religious experience. Methodologically, the study combines a literature review (Morgan, Meyer, Toniol, Souza) with the analysis of a case study, focusing on Islam, and examining the Quran and associated practices (recitation, handling, and use as an amulet). The results indicate that the sacred text links its physical materiality to the cultural and religious meanings attributed to it. We conclude that understanding religion from this perspective broadens the epistemological field, integrating the body, objects, and meanings into the analysis of the experience of faith.
Keywords: Material Religion Studies. Sacred Texts. Materiality. Religious Studies. Epistemology.

Cultura material, religión y textos sagrados:
Intersecciones y nuevas posibilidades de estudio

Resumen: Este artículo examina el «giro material» en los estudios sobre religión, defendiendo que el análisis del fenómeno religioso debe incluir sus dimensiones concretas, sensoriales e históricas. El objetivo es debatir cómo la materialidad, especialmente la de los textos sagrados, constituye una parte indisociable de la experiencia religiosa. Desde el punto de vista metodológico, el estudio combina una revisión bibliográfica (Morgan, Meyer, Toniol, Souza) y el análisis de un caso práctico, centrándose en el islam, mediante el análisis del Corán y las prácticas asociadas (recitación, manipulación, uso como amuleto). Los resultados indican que el texto sagrado articula su materialidad física con los significados culturales y religiosos que se le atribuyen. Se concluye que comprender la religión desde esta perspectiva amplía el campo epistemológico, integrando el cuerpo, los objetos y los significados en el análisis de la experiencia de fe.
Palabras clave: Religión material. Textos sagrados. Materialidad. Estudios de religión. Epistemología.

Introdução

A institucionalização dos estudos acadêmicos sobre religião ocorreu, em diferentes contextos nacionais, sobretudo a partir do final do século XIX. A denominação e a configuração disciplinar desse campo, contudo, variam entre tradições acadêmicas. O campo foi marcado pelo Positivismo, pela ciência comparativa e pelas pesquisas antropológicas de perspectiva eurocentrista. Uma das primeiras nomenclaturas era Ciência da Religião, no singular, que se viu presa a um estatuto metodológico estritamente teórico cujo

desenvolvimento dialogava, entre outras áreas, com a sociologia, a antropologia e a teologia. Com o desenvolvimento dos estudos comparados de religião, o campo tornou-se, paulatinamente, plural em suas análises, o que ocasionou, inclusive, uma alteração em seu estatuto epistemológico e sua nomeação, incluindo o termo plural: "Ciências", "Ciências da Religião".[4]

A continuidade dos estudos da religião, conduzidos por pesquisadores de diferentes áreas do saber, contribuiu para que o campo das Ciências da Religião pudesse ser visualizado como um composto de diversas abordagens metodológicas capazes de se aproximar da religião sob variadas perspectivas, trazendo à luz uma série de aspectos, características e análises da religião enquanto fenômeno humano, social, psíquico e, atualmente, material. É neste contexto de diversidade epistemológica das Ciências da Religião que se situa a abordagem materialista da religião, cuja relevância nas últimas décadas tem sido significativa em território nacional e em pesquisas internacionais, colocando em destaque a religião como elemento dotado de uma materialidade que compõe uma rede de objetos e significados constituintes da realidade, tal como configurada pela relação humana com ela estabelecida.

Neste artigo, "abordagem material da religião" designa a análise das práticas, dos corpos, dos objetos, dos espaços e dos sentidos envolvidos na experiência religiosa; não equivale, necessariamente, a uma adesão ao materialismo filosófico.

É sob esta perspectiva que essa abordagem da religião abre caminho para uma nova forma de perceber a religião, ou seja, para um novo olhar sobre a religião que não se reduza apenas à análise das teorias da religião, mas que seja capaz de assumir a relação do ser humano com a materialidade do mundo como sendo uma relação constitutiva do fenômeno religioso em si. A materialidade da religião não é um simples olhar do pesquisador sobre os objetos que compõem o rito, o ambiente ou a experiência religiosa. Ao contrário, a análise material da religião vê a religião imbuída de uma materialidade sem a qual ela não existe, nem se expressa. É no objeto material que a religião encontra seu lugar na realidade, encontra sua concretização como elemento constituinte do todo real.

Os estudos materiais da religião, neste sentido, partindo do pressuposto de que a cultura e o mundo humano são imbuídos de materialidade e que, a

[4] O debate acerca da nomenclatura da área segue vigente. Sabe-se que nem todos os pesquisadores ou programas que se dedicam à religião assumem o termo "Ciências" no plural, porém, neste estudo, assumimos a perspectiva plural e interdisciplinar que compõe os estudos de religião atualmente.

partir da matéria real configura-se um universo de sentido, permitem afirmar que a religião, enquanto experiência, instituição e textualidade, encontra-se inserida no "mundo das coisas" e, portanto, uma análise condizente com o desejo de compreender a religião em suas diversas facetas e influências sobre o ser humano, não pode desprezar um olhar atento sobre os elementos materiais que compõem a expressividade religiosa e lhe dão inserção no mundo real. Assim, no presente estudo, encontram-se alguns elementos de reflexão que partem do pressuposto citado, trazendo à baila a intersecção entre os estudos da cultura material, a textualidade religiosa e a materialidade dos textos, como elementos plausíveis na constituição de um novo olhar epistemológico sobre a religião.

Neste sentido, parte-se de uma breve introdução ao tema apresentado, tendo como pano de fundo os estudos da cultura material, tal como exposto, sobretudo por David Morgan, Birgit Meyer e, no Brasil, Patrícia Rodrigues de Souza e Rodrigo Toniol — importantes referências nessas análises. Somada à contribuição dos teóricos da cultura material e sua aplicação nos estudos da religião, apresentar-se-á um objeto de análise que corrobore para tornar evidente a relação existente entre a materialidade e imaterialidade no campo da religião: trata-se do texto sagrado. O texto sagrado é o ponto de intersecção a partir do qual se pode observar o toque do material e do imaterial, do objeto e do significado no campo da religião, por isso, a relação dos fiéis muçulmanos com o Alcorão será analisada como exemplo desta intersecção entre a materialidade e o trato religioso do texto como objeto e como significante. Por fim, o artigo encerra-se com uma seção na qual se reflete sobre os novos horizontes da pesquisa a partir da intersecção entre a materialidade do texto sagrado e sua compreensão como objeto religioso que participa da constituição de visões de mundo, significado e experiência religiosa.

Metodologicamente, o artigo combina revisão bibliográfica sobre religião material com análise bibliográfica de práticas relacionadas ao Alcorão, com base principalmente na tese de Thaís Chaves Ferraz e no estudo de Juliane Müller.

1 Cultura material e religião: uma nova virada epistemológica?

As discussões acerca de um estudo de religião ligado à materialidade são relativamente novas. Essa ideia tem como influência as abordagens materiais que ocorreram no final do século XX, mais especificamente na década de 1980, cujo objetivo era analisar corpo e objeto em contraste com as fontes textuais. Nesse contexto, encontram-se a arqueologia, interessada na agência dos objetos sobre os humanos como instrumento para a reconstrução histórica; a antropologia, incorporando a sensibilidade como sua ferramenta de estudo, ou

seja, desenvolvendo uma certa "experiência sensível" da forma de vida que estudam e analisam; como também as filosofias de cunho materialista, sobretudo a marxista, que colocam em primeiro plano o corpo, desenvolvendo a ideia de que todos os fenômenos do mundo podem ser explicados por meio de aspectos materiais.

Surge, a partir de então, a ideia de uma *religião material*, orientada por grandes pesquisadores do campo religioso, como: David Morgan, Manuel A. Vásquez, Peter J. Bräunlein e, mais recentemente, Birgit Meyer, cujas leituras têm circulado no campo acadêmico brasileiro. Como uma breve definição, sob as análises da tese de doutorado de Patricia Rodrigues de Souza (2019), pode-se afirmar que a *religião material* se refere a todos os aspectos materiais da religião, isto é, tudo aquilo que constitui a religião a partir da percepção dos cinco principais sentidos do ser humano. Essa percepção inclui vestuários, alimentos, música, dança, imagens, objetos, arquitetura, entre outros que, juntos, produzem as experiências corporais e sensoriais do sagrado.

Em uma breve exemplificação, seguindo as análises de Morgan em *The Sacred Gaze* (2005): a *visão*, enquanto um ato devocional — e não somente fisiológico — que envolve presença e crença, é despertada por meio de ícones, imagens e símbolos que conduzem o olhar do fiel não apenas à conexão com o divino em forma de representação, mas também à sua presença mediada; a *audição*, na esteira de uma revelação oral, é mobilizada com cantos, orações ou com palavras que embalam a fé, como uma espécie de "palavra falada"; o *olfato* reconhece a presença do elemento divino por meio de incensos, velas ou aromas característicos de seus rituais capazes de provocar emoções; o *paladar* se faz presente nos alimentos distribuídos em festas, ou em cerimônias sacramentais, cujo ato de "comer" se transforma em memória, como ocorrem nos rituais eucarísticos ou em oferendas; e o *tato* se constitui no toque afetivo de objetos sagrados, imagens, relíquias ou até mesmo em gestos de devoção, que podem funcionar como formas de mediação.

A concepção material da religião e sua análise configuram uma virada epistemológica, pois quando se pensa inicialmente em religião e em seus aspectos particulares, pensa-se diretamente naquilo que é abstrato, não palpável, ou seja, dogmas, doutrinas, conceitos de sagrado, que nem sempre são suficientes para uma compreensão abrangente sobre a manifestação religiosa e seu impacto concreto sobre as pessoas e na história em sua concretude, como afirma a autora:

> É muito mais comum que a religião seja tratada como algo abstrato, mais pertencente ao plano das ideias, apenas com reflexos ou representações na matéria, do que algo vivido

> através de objetos, do espaço, de sons, aromas ou sabores. Quando pretendemos conhecer uma nova religião, por exemplo, é comum começarmos por indagações tais como: *Em que acreditam? Qual sua doutrina ou texto sagrado? Quem são suas deidades? Qual sua forma de salvação?* (Souza, 2019, p. 19, grifo do autor).

Quando se fala sobre uma análise material da religião ou mesmo sobre um olhar atento à experiência religiosa em sua materialidade — deixando em segundo plano seu caráter doutrinal e textual —, faz-se referência à questão emocional que liga e envolve o fiel com sua prática religiosa específica e, nesse sentido, o papel formativo que essa experiência desempenha na fé. Seria como dialogar com uma dimensão empiricamente percebida, isto é, a "concepção segundo a qual o conhecimento se baseia na experiência sensível externa (sensações) e interna, entretanto emocional, não racional (os nossos sentimentos tais como são vividos)" (Delattre, 1994, p. 112 *apud* Souza, 2019, p. 16).

Em determinadas correntes protestantes e em algumas interpretações acadêmicas, a interioridade, a consciência individual e a autoridade das Escrituras foram enfatizadas em oposição a certas formas de mediação ritual e de veneração de imagens. Essa visão é sustentada, sobretudo, pela crítica da tradição e de qualquer mediação para o alcance da salvação, bem como da veneração de imagens dentro do catolicismo:

> O catolicismo medieval fez do corpo o foco central de preocupações teológicas e escatológicas. Este foco foi desafiado pela Reforma Protestante através da ênfase na consciência individual e a primazia da justificação pela fé através de uma reinterpretação da teologia paulina. Em sua tentativa de enfraquecer o monopólio dos padres sobre o poder ritual, ou seja, o poder de realizar sacramentos legitimamente, reformadores protestantes não apenas advogaram o sacerdócio a todos os crentes, mas desencantaram o mundo, rejeitando expressões materializadas do sagrado. (Souza, 2019, p. 46 *apud* Vásquez 2011:31).

No entanto, reconhece-se que tais concepções falham em não observar que também em suas expressões religiosas estão contidos aspectos materiais — talvez de uma forma mais comedida em comparação ao catolicismo ou ao Candomblé. Nas palavras de Meyer, concepções ligadas ao contexto de defesa de uma "imaterialidade" nos tornam "cegos quanto à forma como a religião

aparece e se torna tangível no mundo" (2019, p. 83). Para a antropóloga alemã, a religião só se torna palpável e concebível por meio das pessoas e das relações que as envolvem, uma vez que a religião é uma prática humana e para o humano, estendida a partir de uma variedade de materialidades, incluindo edifícios, imagens, objetos e textos. No caso dos cultos de cristãos protestantes, que representam a maior redução de rituais e práticas materiais, concebe-se uma materialidade ligada ao estudo, ao trabalho, ao templo, à arquitetura, à postura corporal, à forma como as pessoas se apresentam para se "alimentar" da Palavra de Deus — vista como acessível a todos, sem a necessidade da intervenção de um líder religioso —, como também o que esse texto representa em suas vidas na esfera cotidiana (Souza, 2019). Tudo isso se deve ao fato de que não é possível ao ser humano se afastar da materialidade. O ser humano é um ser material por excelência, ou seja, está presente em um mundo físico repleto de objetos com os quais interage e, consequentemente, não pode deixar de sentir. Em outras palavras, o simples ato de negar a materialidade pode recair em uma prática material, sem que esta seja percebida. Segundo Meyer,

> [...] Em uma investigação mais detalhada, até mesmo o protestantismo, que é geralmente visto como uma religião iconofóbica e antimaterial, demonstra atribuir uma importância considerável para coisas materiais, simplesmente porque algum nível de materialidade é indispensável para a religião estar presente no mundo (Meyer, 2019, p. 103-104).

De acordo com Souza (2019, p. 58), "todas as religiões possuem formas pelas quais são percebidas e praticadas sensorialmente. Sujeitos são afetados tanto por suas ideologias expressas conceitualmente quanto por valores transmitidos materialmente — através dos sentidos". Assim, as tradições religiosas se expressam e são vividas por meio de práticas, corpos, objetos, espaços e formas sensoriais, ainda que esses elementos assumam configurações distintas em cada contexto, manifestas por meio de incensos, imagens, objetos, pinturas, vestimentas, posturas, espaços específicos, música, dança, comida, entre outros. Em todas elas estarão presentes sons, aromas, cores, sabores e movimentos, que não são meros detalhes, mas que representam as formas sensíveis de transmitir um modo específico de manifestação de sua fé (Souza, 2019, p. 17, 58).

A religião depende dos elementos materiais para ter corporalidade, sensibilidade, ou seja, para poder estabelecer relações e conexões com os seres humanos em sua concretude. Para Morgan, em *Material analysis and the study of religion,* a religião seria, portanto, material tanto em suas relações de

significado quanto nos objetos que produz para mediar essas relações. Ao passo que o ser humano também depende dessa materialidade para se conectar com o sagrado, afinal é um ser que está no mundo e por meio dele estabelece relações com os objetos que lhe são apresentados. O ser humano é sensível e sua experiência religiosa, por mais racional e abstrata que deseje ser, não pode se afastar totalmente desses princípios (Morgan, 2016, p. 27-30).

Aqui se encontra a grande problemática dos estudos de religião atualmente, uma vez que a *religião material* não está totalmente aceita nos debates dentro da academia. Muitos pesquisadores, com uma afinidade mais íntima com a cultura ocidental, permanecem convictos e insistentes na defesa da tese de que a religião deve ser estudada com base em seu aspecto doutrinal e teórico. Importa salientar que não é um erro estudar a religião com base naquilo que é produzido textualmente. Isso também é importante para a pesquisa acadêmica. Contudo, as experiências cotidianas mostram o quão importante a materialidade se faz presente na vida das pessoas e, consequentemente, em sua prática religiosa. Sobre esse ponto de vista, Meyer é convicta em afirmar que a insatisfação presente nas novas concepções que circulam na academia com relação à visão material decorre do fato de que ideias, conceitos e valores são reduzidos a simples abstrações por posições construtivistas, uma vez que "privilegiar o abstrato sobre o concreto reduz a cultura material (bem como palavras e gestos) a expressões de um significado subjacente ou ao status de 'meros' signos" (2019, p. 89-90).

As restrições de circulação durante a pandemia de COVID-19 tornaram mais visível a importância dos espaços físicos e das interações presenciais para muitas práticas religiosas, embora também tenham ocorrido adaptações mediadas por tecnologias digitais. Com isso, fica claro que a religião não é uma simples teoria, e que sua definição não pode refletir apenas um caráter intelectualista, mas uma experiência prática da vida cotidiana, ou melhor, uma experiência material, palpável e sensível, algo que possui manipulação, consumo, contemplação, relação com a vida social e cultural, conforme afirma Patrícia Souza:

> É possível conceber religião/ões através de seus cânones e textos sagrados e isto tem sido feito em larga escala, entretanto, as informações fornecidas por este meio, pintam uma religião idealizada, que geralmente não corresponde à religião vivida nos diversos grupos das sociedades. Quando chegamos ao nível da prática encontramos adaptações do "original": ações, emoções – a religião sentida, em vez de somente pensada, conceituada. Aparecem então,

> características divergentes daquelas das quais temos como o ideal de certa religião. (Souza, 2019, p. 19).

Fazem-se necessários mais estudos e mais pesquisadores adeptos de uma *religião vivida e/ou sentida* dentro da academia, especialmente no Brasil, onde a pluralidade da materialidade religiosa é particularmente evidente, dado seu enriquecimento cultural multifacetado. De acordo com Toniol (2024), a religião não deve ser vista exclusivamente como um domínio interior de ideias, isto é, imateriais, mas sim através das experiências corporais e materiais que a constituem. A questão que se faz aqui presente não é a de afirmar a autoridade da dimensão material em detrimento da introspecção, mas de demonstrar que "o ambiente, as coisas, os sons, a fala, a materialidade dos textos não são simplesmente os meios a partir dos quais se transmite a mensagem. O meio também é a mensagem" (Toniol, 2024, p. 7-8). É o meio que possibilita a introspecção. É por meio dele que doutrinas, dogmas e experiências transcendentes adquirem sentido na vida. Esse meio torna-se, segundo Meyer, "indispensável para a criação de crenças, identidades e comunidades religiosas" (2019, p. 113).

O que se propõe chamar de *virada epistemológica* nos estudos de religião, fundamentados nas reflexões de grandes pesquisadores desse campo tão vasto e novo que se chama *religião material*, é a tentativa de estabelecer uma "análise experiencial e sensível da religião" (Toniol, 2024, p. 18), aproximando-se ainda mais da fenomenologia, como uma espécie de *fenomenologia da religião*. O reconhecimento da importância das materialidades na religião não só enriquece o entendimento mais aprofundado da fé, mas também desafia os paradigmas estabelecidos que, muitas vezes, excluem as dimensões materiais da experiência religiosa de uma determinada comunidade. Não se trata de criticar a religião em nome da materialidade ou de questionar a existência de Deus, deuses ou espíritos superiores que movem a religiosidade, mas sim de compreender os meios pelos quais essas entidades se manifestam no mundo "através de sensações corporais, textos, edifícios, imagens, objetos e outras formas materiais que envolvem corpos e coisas" (Meyer, 2019, p. 91-92).

Segundo Toniol (2024, p. 20):

> A comunidade religiosa, portanto, é uma comunidade de corpos e de sensibilidade que se sentem esteticamente engajados por um conjunto de coisas, materiais, artefatos, sons, textos, sabores e paisagens. É por isso que a ideia de crença tem pouca repercussão no debate da religião material.

> Afinal, o que torna a pessoa um crente não é seu conhecimento sobre a doutrina, os rituais e a liturgia de sua religião, mas sim a possibilidade de ver-se arrebatado experiencialmente por ela. Uma comunidade religiosa, repito, é uma comunidade de corpos que compartilham a disposição para se afetarem por determinadas coisas. Os estudos da religião material estão dirigidos justamente a essa experiência e as coisas nela implicadas.

Nosso trabalho, enquanto pesquisadores da religião comprometidos com as transformações e "viradas" em nosso campo de estudo, é não permitir que a Ciência(s) da Religião caracterize suas pesquisas, conforme Souza (2019, p. 127), apenas como ilustrações didáticas ou frivolidades. É necessário compreender o que é sentido, experimentar o que é experimentado pelo crente como uma tentativa de aproximação de sua experiência sensível e prática da religião. A materialidade religiosa, em um olhar mais estrito com a realidade brasileira, pode ser observada de forma particularmente rica em exemplos em tradições como o catolicismo, o candomblé e o islã — cada qual de acordo com suas especificidades, algumas mais chamativas, outras menos, mas sempre buscando relacionar a presença do sagrado com as coisas presentes no mundo físico e sensorial. No catolicismo, a presença das imagens de santos, velas, incensos, objetos litúrgicos — ou até mesmo o pão e o vinho utilizados no ritual eucarístico —, são inseparáveis da conexão entre Deus e o fiel. No candomblé, a presença dos orixás se expressa nas danças, nos cantos, nas comidas preparadas com cuidado, nas imagens e objetos consagrados, nos tecidos e roupas coloridas e nas incorporações. Essa religião afro-brasileira pode ser caracterizada pela experiência do corpo em sua totalidade — ou seja, que se realiza em comunhão com a terra, com os ancestrais e com as forças da natureza. Já no Islã, embora seja uma religião que não se representa visualmente Deus em muitas tradições islâmicas; ainda assim, a materialidade também se faz notar na beleza da caligrafia que enfeita os espaços e textos religiosos, no som que embeleza a estética da recitação do Alcorão, nos tapetes árabes estendidos para os momentos de oração diária (*salat*), nas formas de prostração, nas águas utilizadas para a purificação dos corpos antes de adentrar ao espaço sagrado, entre outras possibilidades (Souza, 2019).

Em suma, observa-se que a simples atividade de *pensar a religião através das coisas* — conforme exposto por Patrícia Souza (2022) —, pode não apenas oferecer ao nosso campo de estudo novas perspectivas sobre a religiosidade, mas também contribuir para práticas mais integrativas e respeitosas com diferentes culturas e modos de ser no mundo, isto é, tendo a

possibilidade de analisar aquilo que só pode ser compreendido a partir da vivência prática da fé, em uma *religião vivida*, e não apenas por meio de discursos, teorias ou meios puramente textuais. Levar a *religião material* a sério, nos apresenta Birgit Meyer, "não só produz estudos empiricamente ricos de fenômenos até então marginalizados, mas sobretudo oferece um ponto de partida produtivo para novas abordagens da relação complexa entre religião e coisas no passado, no presente e, possivelmente, no futuro" (2019, p. 92).

2 Textos sagrados: materialidades que falam

Como uma proposta de análise concreta da religião em sua materialidade, apresenta-se um exemplo de expressão material da religião, voltando-se especificamente para a fé islâmica. A escolha do islamismo se justifica não apenas pela riqueza de suas expressões simbólicas e arquitetônicas, mas também pelo fato de ser uma tradição frequentemente mal compreendida no Brasil, estando fora da vivência cotidiana da maioria dos brasileiros. Dessa forma, analisar os aspectos materiais do islã permite ampliar o olhar sobre a diversidade religiosa e suas expressões tangíveis. Como Patrícia Souza explica, existe uma relação entre o local físico e a própria religião, sendo o local físico geográfico também uma expressão de materialidade religiosa:

> Muitas das questões em relação ao uso religioso do espaço, problematizadas pela geografia da religião, estudos de religião e migração, bem como pelo turismo religioso, podem ser abrigadas pela religião material, desde que não compreendam espaços religiosos apenas como manifestações de concepções idealistas da religião. A arquitetura, enquanto atividade de organização do espaço para um determinado propósito, melhor dizendo, para que as pessoas se sintam de uma determinada maneira num dado espaço, também pode servir à religião material. A ambiência dos lugares tem o poder de induzir ou inibir certas emoções e sensações (Souza, 2022, p. 248).

No entanto, importa ressaltar que os exemplos abordados não se configuram apenas como locais de reunião comunitária ou celebração litúrgica. Eles são compreendidos aqui como espaços de mediação com o sagrado, ambientes nos quais a experiência religiosa se intensifica e onde a presença do divino se manifesta de maneira concreta e sensível para os fiéis, a partir de características materiais específicas. No caso do islamismo, essa perspectiva se evidencia de forma singular na cidade sagrada de *Meca*, particularmente na *Kaaba* e no ritual do *Hajj*, que não apenas expressam a centralidade da materialidade na vivência espiritual islâmica, como também tornam tangível a

conexão entre os fiéis e o divino por meio da peregrinação e da sacralização do espaço.

Fora do eixo cristão ocidental, o Islã também oferece exemplos expressivos de como a experiência religiosa se articula com objetos, espaços e gestos materiais. A tese "*As coisas no Islã: materialidades na vida cotidiana de muçulmanos do Rio de Janeiro e São Paulo"*, de Thaís Chaves Ferraz, fornece uma base clara para refletir sobre o papel da materialidade na vivência religiosa islâmica, tanto em seus momentos ritualísticos quanto na rotina cotidiana dos fiéis.

No Islã, a experiência religiosa está profundamente enraizada em práticas materiais que conectam o fiel ao sagrado. Entre essas práticas, a peregrinação à Meca, conhecida como *Hajj*, ocupa um lugar central. O Hajj é realizado anualmente por milhões de muçulmanos e representa não apenas um dever religioso, mas também uma manifestação concreta da fé, na qual elementos materiais como a viagem, os rituais e os objetos sagrados tornam-se meios de acesso ao divino.

O Hajj é uma obrigação religiosa para o muçulmano que reúna as condições de capacidade física e financeira; as condições para a realização por representante variam conforme a situação e a interpretação jurídica adotada. (Ferraz, 2022, p. 103). Assim, o *Hajj* se destaca como uma das principais expressões da relação entre o sagrado e o mundo material.

O rito envolve não apenas deslocamentos físicos, mas também ações corporais intensamente codificadas em torno de um símbolo central: a *Kaaba*. Esse edifício cúbico, situado no centro da mesquita de *Al-Haram*, é o ponto para o qual todos os muçulmanos do mundo direcionam suas orações diárias e durante o *Hajj*, torna-se referência central dos ritos realizados em Meca. A Kaaba, situada no centro da Mesquita al-Haram, em Meca, é o ponto de referência da qibla, para o qual os muçulmanos se voltam nas orações. Durante o Hajj, também ocupa posição central em determinados ritos:

> A Kaaba, "cubo", é uma construção em forma de hexaedro tridimensional em torno da qual os muçulmanos dão voltas, ao realizarem suas orações em Meca, o mais destacado centro de peregrinação religiosa do Islã. Na era pré-islâmica, ou seja, antes da revelação do Islã ao Profeta Muhammad, a pedra era um panteão para ídolos cultuados pelas tribos nômades. Allah teria poupado a Kaaba como sinalização de um novo local para reverência ao deus único. Muhammad nasceu em Meca e era pertencente ao clã dos kurayshitas, que zelavam pela Kaaba, localizada na atual Arábia Saudita (Ferraz, 2022, p. 103).

Para este artigo, interessa sobretudo a centralidade ritual da Kaaba e sua função como referência espacial para a oração e o Hajj. Essa relação entre o símbolo e a prática ritual pode ser compreendida à luz das reflexões de David Morgan, para quem os objetos religiosos não apenas expressam crenças, mas participam ativamente na constituição da experiência religiosa (Morgan, 2016, p. 15). A materialidade, segundo o autor, organiza os sentidos, estrutura a percepção e molda o comportamento dos fiéis (Morgan, 2016, p. 16). Nesse sentido, a *Kaaba* não é apenas um edifício sagrado por sua forma ou função arquitetônica, mas um meio concreto por meio do qual o sagrado se manifesta e é experienciado corporal e sensorialmente pelos peregrinos.

Essa centralidade da *Kaaba* ilustra como o sagrado pode ser corporificado em espaços e objetos específicos. No entanto, a mediação material do sagrado no Islã não se restringe a grandes eventos rituais ou locais emblemáticos. Como evidencia Ferraz, a vida religiosa também se estrutura a partir de objetos cotidianos que portam sentido e funcionam como mediadores do sagrado no dia a dia:

> [...] é possível perceber que meus interlocutores incluem suas conexões com as coisas de que lançam mão no dia a dia de modo mais pessoalizado: são amuletos, tapetes, livros e roupas, entre outros. Não apenas as coisas encontradas em uma mesquita constroem a fé ou a preferência de um muçulmano (2022, p. 170-171).

Elementos como o tapete de oração, perfumes, vestimentas e até recipientes com água utilizada em práticas de purificação ritual constituem um ambiente sensível e tangível que organiza a prática religiosa dos muçulmanos. Esses objetos desempenham funções que vão além da funcionalidade: eles conectam o fiel a um mundo transcendente, ativam disposições corporais e evocam sensações de pureza, proteção e pertencimento. A forma como são manipulados, dispostos e preservados revela uma ação sensível da fé. São, portanto, formas simbólicas materiais que, tal como a *Kaaba* em sua escala monumental, também representam a presença do sagrado.

Ao analisar essas dinâmicas a autora sugere que o Islã não é apenas um sistema de crenças, mas também um sistema material de práticas e símbolos que atravessam corpos, objetos e territórios (Ferraz, 2022, p. 78). Dessa forma, o trabalho de Ferraz, ao ser colocado em diálogo com o pensamento de Morgan, permite entender a religião como um sistema simbólico materialmente ancorado, onde o sagrado se realiza por meio de formas visíveis e táteis que orientam a vida do fiel.

Agora que se compreende o papel da materialidade no islamismo é possível realizar a análise de um tipo de objeto específico, o texto sagrado, o Alcorão, "Livro sagrado", objeto material de grande relevância na cultura islâmica. A partir da tese de Ferraz, o Alcorão é compreendido não apenas como o livro sagrado do Islã, mas como uma *presença divina materializada*, cuja importância ultrapassa o conteúdo textual. Ele é visto como a palavra de Deus revelada a Maomé. Afirma Ferraz:

> Após a morte do Profeta, o texto corânico passou a ser recitado por pessoas próximas a ele, ou que haveriam presenciado a revelação. Só mais à frente no tempo começou a ser escrito, e o Alcorão conforme conhecido na versão atual foi compilado na época do terceiro califa, Othman (644-656) (Ferraz, 2022, p. 63).

A trajetória do Alcorão, desde sua transmissão oral até sua fixação escrita, evidencia não apenas um processo histórico, mas também a construção de sua autoridade como objeto sagrado. Ao ser compilado e padronizado sob o califado de Othman, o texto passou a circular como uma materialidade concreta, reconhecida e reverenciada pelos muçulmanos. Essa consolidação não apenas preservou a revelação, mas também conferiu ao livro físico um papel central na prática religiosa islâmica. Não por acaso, como observa Ferraz, o Alcorão é frequentemente descrito por fiéis e estudiosos como o elemento mais essencial da religiosidade muçulmana, sendo denominado "livro sagrado", "palavra de Deus" e "código moral e ético do Islã":

> Provavelmente a coisa de rezar considerada essencial para qualquer muçulmano é o Alcorão. "Livro sagrado", "palavra de Deus para os homens", "código religioso, moral e ético do Islã" são alguns dos epítetos ditos por interlocutores e professores como definição para esta materialidade (Ferraz, 2022, p. 214).

Com base na tese de Ferraz, observa-se que no Islã o texto religioso não é apenas um repositório de doutrina, mas um objeto que adquire sacralidade e se torna central na vivência devocional dos fiéis. A materialidade do Alcorão enquanto livro físico atua como um meio sensível de relação com o divino. Não se trata apenas de ler ou interpretar suas palavras, mas de manuseá-lo com respeito, de posicioná-lo em locais elevados, de protegê-lo com capas ornamentadas e de evitar seu contato com a impureza. Esses gestos cotidianos expressam uma devoção que se manifesta por meio da forma física do texto, revelando uma teologia prática em que o sagrado se encarna no objeto. Assim,

a escrita corânica, enquanto forma e substância, participa da constituição da fé islâmica, sendo tratada não apenas como portadora de mensagem. Em determinadas práticas e interpretações, o exemplar físico recebe tratamento reverencial. Ferraz demonstra que essa reverência à materialidade do texto se mantém viva, articulando uma espiritualidade que se ancora na experiência sensível do sagrado:

> O Alcorão deve ser lido, apreendido, recitado e resguardado em ambientes impolutos. É ofertado em dawahs ou para visitantes de espaços sagrados, amigos, famílias. É colocado em locais tão distintos quanto casas e salas de trabalho, demonstrando a opção religiosa do possuidor, decorando ou simbolizando a relevância para sua vida cotidiana. Essa coisa de rezar concretiza as palavras do sagrado porque as retém e permite que o fiel as liberte em oração; ela as materializa na reprodução fonética e é, em si só, uma representação da cultura material do Islã (Ferraz, 2022, p. 216).

Para reforçar a presença da materialidade no Islã, especialmente em sua relação com o texto sagrado, é possível destacar exemplos significativos. Um caso considerável pode ser encontrado no Brasil do século XIX. O artigo *"Manuscritos afro-islâmicos do Brasil oitocentista: os amuletos árabes da coleção Nina Rodrigues"* de Juliane Müller oferece um caso emblemático dessa dinâmica, ao investigar a produção e o uso de manuscritos como amuletos criados por africanos muçulmanos escravizados no Brasil, prática que Müller descreve como comum: "Amuletos islâmicos de papel, com versículos do *Qur'ān* ou outros textos mágico-religiosos em escrita árabe, eram de amplo uso entre pessoas africanas no Brasil do século XIX" (Müller, 2020, p. 78).

Esses manuscritos compõem parte da coleção etnográfica de Nina Rodrigues, que foi médico e antropólogo maranhense radicado na Bahia, frequentemente apontado como um dos pioneiros dos estudos afro-brasileiros (Müller, 2020, p. 79). São pequenos textos religiosos escritos em árabe sobre papel, cuidadosamente dobrados, costurados em tecido e usados como objetos protetores, curativos ou devocionais. Esses textos foram estudados e preservados no sentido de se compreender melhor a situação dos escravizados islâmicos:

> Os estudos sobre os escritos afro-islâmicos do Brasil iniciaram-se em finais do século XIX, quando Nina Rodrigues colecionou vários amuletos, cujas descrições e reproduções são objeto deste artigo.6 Seguiram-se, nos anos 1960, os estudos

> de Rolf Reichert e Vincent Monteil sobre a maior parte dos manuscritos árabes depositados no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), todos eles confiscados depois do levante de 1835. Recentemente, foram descobertas novas fontes afro-muçulmanas em escrita árabe, entre elas o "Livrinho malê" do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro, descrito por João José Reis (Müller, 2020, p. 79).

Nesses amuletos, trechos do Alcorão eram copiados com apuro, muitas vezes acompanhados de fórmulas mágicas, nomes divinos ou grafismos sagrados. Em determinados contextos, esses manuscritos eram usados como objetos de proteção, cura ou devoção; a eficácia que lhes era atribuída deve ser descrita a partir das fontes e dos grupos estudados, sendo que alguns grupos faziam uso corporal: podiam ser pendurados ao pescoço, costurados às roupas ou guardados junto ao corpo.

A materialidade aqui não se expressa apenas pelo uso físico do objeto, mas pela crença de que o próprio texto, enquanto escritura, carrega uma potência divina. Nessa interpretação, o amuleto não funciona apenas como suporte material: a escrita nele inscrita pode ser entendida pelos usuários como portadora de potência religiosa. Essa visão aproxima diretamente o estudo de Müller da tese de Ferraz, que demonstra como o texto sagrado, seja como livro (o Alcorão), seja em fragmentos decorativos, ou como amuletos, remetem à presença sagrada.

Ambos os trabalhos indicam que a sacralidade do texto no Islã transcende seu conteúdo doutrinário, pois sua forma escrita já é, em si, sagrada. Essa compreensão dialoga com as reflexões de David Morgan, para quem os objetos religiosos como livros, imagens ou espaços não apenas representam o sagrado, mas o produzem e o tornam presente por meio da experiência sensorial e corporal (Morgan, 2016, p. 15). Nesse sentido, a letra, o traço e o suporte físico vinculados ao Alcorão integram uma estética devocional que é também ontológica: esses elementos não apenas apontam para o sagrado, mas o constituem na prática e na percepção dos fiéis, o que revela como o texto sagrado no Islã é também um corpo: portável, tocável e eficaz, mesmo fora dos grandes centros do mundo islâmico.

3 Novos horizontes: o texto sagrado como matéria e cultura sacras

A abordagem material apresentada neste artigo evidencia uma forma de compreender a religião que considera os objetos não apenas como elementos presentes nos ritos, mas também como componentes da experiência religiosa. Essa experiência é mediada pela relação entre pessoas, corpos e materialidades

do mundo. Ora, a vivência religiosa mediada pelos elementos materiais que compõem a religião, coloca os pesquisadores diante de um novo paradigma: seria a religião imbuída de uma materialidade que se expressa, inclusive nos textos sagrados?

Em busca de responder a essa questão, elucidou-se a relação dos religiosos islâmicos com o Alcorão. O Alcorão, como exemplificado acima, demonstra de modo significativo a intersecção que existe entre o material – livro – e abstrato, configurado pelo significado religioso do texto. Em situações mais extremas, observou-se como alguns grupos se utilizaram do texto corânico como amuletos, cuja força se encontra no contato físico de partes do texto com a realidade, ou seja, o fato de se utilizarem de pingentes com os ditos do Alcorão denotando uma finalidade religiosa, mágica, expressa a intersecção, quase que imperceptível, entre a força da palavra e sua materialidade no texto escrito que é assumido como "poderoso em si", capaz de intervir diretamente na realidade.

A partir das constatações até aqui elaboradas, nesta última parte do presente estudo, objetiva-se sintetizar de modo muito singelo as relações entre o texto sagrado e sua materialidade como objeto de estudo. Para tal, parte-se do pressuposto de que o texto literário, seja ele sacro ou não, é dotado de uma materialidade constitutiva, isto é, nasce de uma cultura na qual se produz e o texto é uma produção, como também é dotado de uma historicidade, de uma situação, de um diálogo com a concretude da história que o mantém vivo. Sob esta perspectiva, percebe-se que o próprio fenômeno literário é dotado de uma concretude material sem a qual não pode existir: o autor, o texto e o leitor são historicamente situados, constituídos de uma materialidade que os compõe e que os colocam em relação (Sartre, 2019).

Essa concretude do texto, do autor e do leitor, pode ser analisada a partir de um pressuposto fundamental: o homem é aquele que produz, tanto elementos simbólicos quanto materiais, sendo que o simbólico e o material estão além das dicotomias comuns apresentadas pela racionalidade moderna. Marcus Dohmann expressa com adequada profundidade este pressuposto ao assinalar que a formação da cultura – dotada de materialidade e significado – se desenvolve desde o princípio da história humana a partir da criação de objetos concretos, úteis, que colocam o ser humano diante de sua materialidade capaz de transformar outras materialidades e de lhes conferir significados (2017). Assumindo o que Dohmann toma como ponto de partida para estudar a relação entre a materialidade e os simbolismos criados pela cultura, torna-se visível que há uma interação radical entre a produção de objetos e os significados culturais a eles atribuídos, de modo que não se pode separar o sentido do objeto e vice-versa.

O texto sagrado se situa neste contexto de produção simultânea de objeto e de significado atribuído culturalmente ao que é produzido, ou seja, ao analisar, sob a ótica das Ciências da Religião, um texto sagrado, é possível perceber que nele encontram-se uma materialidade que é produzida e um significado que lhe é atribuído por uma cultura que é material, histórica e situada. Neste sentido, observa-se que todo texto sagrado desperta no religioso uma relação com o objeto textual – o livro, as palavras, os códigos tangíveis – e o sentido sagrado culturalmente atribuído àquele objeto. Em outras palavras, o texto sagrado é dotado de uma dupla materialidade: o objeto concreto que se pode ver, tocar, sentir e o sentido que lhe é culturalmente atribuído, conferindo-lhe sacralidade. O texto sagrado articula duas dimensões inseparáveis para a análise: sua materialidade – suporte, forma, escrita, circulação e usos – e os sentidos religiosos e culturais que lhe são atribuídos.

A dupla materialidade do texto pode ser assumida a partir da concepção de que a própria cultura é uma produção material, inclusive em relação aos significados que são atribuídos aos objetos. Karl Marx e Friedrich Engels em seu opúsculo "*A Ideologia Alemã*" aludem a essa materialidade histórica que comporta não só os objetos, mas o próprio significado atribuído a eles. Fazendo uma crítica à sociedade de classes, Marx compreende que a relação material que configura a sociedade, configura também a compreensão de mundo daqueles que a integram. Segundo Marx e Engels:

> As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força intelectual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo dos meios de produção intelectual, de modo que, geralmente, os pensamentos daqueles a quem faltam os meios de produção intelectual são, ao mesmo tempo, submetidos a essa classe. As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes aprendidas como ideias [...] (2019, p. 46-47).

Essa formulação não explica, por si só, a sacralidade dos textos; ela oferece um enquadramento para investigar como condições históricas e relações sociais participam da produção e da circulação dos sentidos atribuídos a eles. Para além dos fundamentos marxistas que orientam uma certa análise material da realidade, os atuais estudos materiais da cultura e da religião, de uma forma ou de outra, assumem a concepção de que as ideias, as visões de mundo e a própria relação religiosa estão fundamentadas em uma produção

humana cujas raízes são materiais. Além disso, redescobre-se com certa radicalidade aquilo que Rodrigo Toniol expressa ao afirmar que "grande parte do tempo dedicado à religião envolve o manuseio de coisas. Assim, muitas vezes, a ação religiosa relaciona-se à preparação, manipulação, consumo, contemplação e circulação de formas materiais que podem mesmo ocupar um lugar central e imprescindível na vida social" (Toniol, 2024, p. 3). Ora, é esta materialidade típica da religião tanto em seus objetos como nos significados que o constituem que orientam os atuais estudos da cultura material em relação à religião capazes de superar a dicotomia existente em todo ocidente acerca da compreensão da religião como uma adesão intelectual e imaterial a um conjunto de doutrinas (Toniol, 2024).

Conjugando as concepções materialistas de Karl Marx e sua aplicação na análise cultural e religiosa proposta por Toniol e outros estudiosos da virada material dos estudos de religião, pode-se começar a delinear o que aqui foi proposto: seria a religião imbuída de uma materialidade que se expressa, inclusive nos textos sagrados? Nesta perspectiva, percebe-se que a religião, dependente tanto de seus objetos como também de seus significados, está situada no centro da materialidade que constitui a realidade. Não há como pensar a religião sem remeter-se aos elementos visuais, rituais, olfativos e gustativos que compõem o universo da experiência religiosa. São esses objetos concretos, reais, que configuram aquilo que se concebe como religiosidade. Hutchings e McKenzie (2017), ao analisar o corpo de São Cuteberto, afirmam que o corpo do santo constitui um exemplo expressivo de que a religião se dá na relação material entre o fiel e o objeto sagrado, capaz de modelar relações, espaços, ritos, costumes e datas de festividades. É no embate material de um corpo com o outro – do fiel com o santo – que se dá o dinamismo da religião e toda sua implicação social, comunitária e pessoal. O corpo do santo, como a produção de imagens, tal como analisada por David Morgan (2016), constitui, em uma compreensão alargada, uma textualidade a partir da qual a religião se estabelece com relação entre corpos, continuando aquilo que é exposto por Toniol:

> A religião material está marcada pelo seu diálogo com a fenomenologia, valendo-se dela para destituir todas as formas e oposição entre mente e corpo, espírito e matéria, sujeito e mundo. Falar de matéria, portanto, é também – e necessariamente – falar aquele que a percebe não como um agente externo, mas como um agente na própria constituição da coisa. É por isso que, no campo da religião material, a atenção aos sentidos é parte de um procedimento

> metodológico necessário, uma vez que, longe de serem simplesmente um aparato de recepção de estímulos, eles são um princípio ativo no engajamento do corpo no mundo e, ao mesmo tempo de produção de mundo (Toniol, 2024, p. 16).

É precisamente esta materialidade da relação entre corpos situados no mundo que compõe a religião em sua concretude. Essa materialidade que coloca em relação corpos diversos, coloca também o fiel em relação ao texto sagrado no qual e a partir do qual, encontram-se significados tão materiais quanto os usos, o manuseio e a visão de mundo que dele emanam. Mais especificamente, ao assumir a virada material nos estudos de religião, o texto sagrado assume seu lugar como um objeto religioso dotado de corpo físico que se coloca em relação com o corpo físico do fiel ao ser manuseado, reverenciado, beijado, guardado em lugar alto ou específico da residência. Observa-se essa relação material de troca gestual religiosa tanto no uso dos islâmicos com o Alcorão, como exposto acima, como também no uso cristão da Bíblia em vários estrados da cultura popular. Há uma relação diferente com o texto sagrado que se expressa na gestualidade, no toque, no entorno do local do livro. Estabelece-se, tal como com o corpo de São Cuteberto, uma relação pautada pela materialidade do toque, do beijo, da vênia, da áurea sacral que é atribuída ao objeto "livro".

Na extremidade desta relação encontram-se as práticas mágicas, típicas da religiosidade popular, na qual fragmentos do texto sagrado são utilizados para esconjurar, proteger ou adivinhar o futuro (Nogueira, 2020). De uma forma ou outra, além do texto sagrado em sua materialidade ser assumido como objeto de devoção e experiência religiosa, também o significado a ele atribuído não pode superar as limitações da situação concreta na qual o ser humano está inserido, inclusive o homem religioso que anseia pela perenidade e eternidade de suas crenças. A literatura, isto é, o significado cultural atribuído á uma obra escrita nasce de uma experiência concreta do autor com a realidade imanente, social, contextualizada e marcada pela transitoriedade que lhe é própria. O autor é sempre alguém em situação que se dirige a outro ser em situação. Cada um dos interlocutores de uma relação literária encontra-se imbuído de historicidade, materialidade e contextualidade que se impõem no contato com o texto (Sartre, 2019).

Dessa forma, compreende-se a intersecção profunda que há entre a materialidade e o texto, entre o homem religioso e o texto que ele torna religioso. O texto sagrado, produto de uma cultura que se dá em torno de objetos sacralizados e sacralizantes constitui-se por meio de relações materiais em relação, isto é, constitui-se de um ser humano material situado que se

direciona a um texto impresso, esculpido ou ouvido, e dele deduz uma experiência sentida em seu corpo, a partir da qual o leitor pode reconhecer ou constituir o texto como religioso. O observador atento há de convir que a sacralidade de um texto se dá na relação entre as múltiplas materialidades que estão envoltas no contato do fiel com este texto: a materialidade que compõe seu próprio ser, como também a materialidade que constrói sua visão de mundo, sua leitura das próprias experiências, sua hermenêutica do texto sagrado.

Responde-se, desta forma, à indagação originária desta reflexão: o texto sagrado expressa a religião em suas múltiplas dimensões materiais, na medida em que ele se situa como ponto de intersecção entre a experiência religiosa do fiel em sua relação com o objeto, como também da experiência religiosa do fiel em sua relação com o significado religioso do que está grafado no objeto. É a materialidade concreta do texto sagrado, articulada aos sentidos religiosos que lhe são atribuídos, que pode suscitar cuidado e reverência e abrir novos horizontes de pesquisa. O texto, dotado de múltiplas materialidades, produz sentidos de formas diversas, expressa de forma plural a complexidade do real em suas dimensões materiais tangíveis e significativas. Assim, é possível, a partir do texto sagrado, assumir uma nova leitura da religião, não mais como uma experiência dicotômica entre o sujeito e o mundo material, mas como uma experiência que conjuga a realidade em sua complexidade.

Considerações Finais

O presente artigo desenvolveu um percurso epistemológico que mostrou como a virada material atinge o cerne das investigações acerca da religião. Na esteira do que ocorreu em outros campos de estudo, também nos estudos de religião, uma nova virada epistemológica marcou os albores do século XXI: a virada material. A partir de uma série de revisões conceituais se percebeu que a dicotomia cartesiana característica do pensamento ocidental incutia na realidade uma dualidade radical em que matéria e intelecto, corpo e espírito, imanente e transcendente, eram colocados em lados opostos na constituição da realidade. Esta dicotomia não corresponde à complexidade do real, uma vez que o mundo não se reduz a categorias opostas, mas é formado por uma complexa rede de relações, interações, contatos e intersecções que fluem entre si, não apresentando fronteiras tão claras como o pensamento moderno imaginou.

A religião encontra-se imersa nesta nova perspectiva da realidade. O fenômeno religioso, tal como elucidado no primeiro tópico, não pode ser devidamente analisado sem um olhar atento à materialidade que o compõe. A religião, para além de uma adesão intelectual a um conjunto de doutrinas, é

uma experiência da realidade, uma forma do ser humano se colocar no mundo a partir da sacralidade dos objetos, ritos e textualidades que compõem a experiência religiosa. É na relação do ser humano com a religião em sua materialidade que se desenvolve o sentimento religioso, a experiência, a religião em si. No segundo tópico, objetivou-se comprovar esta perspectiva a partir de um exemplo concreto. A utilização do Alcorão pelos fiéis islâmicos torna evidente como a religião possui um ponto de inflexão no encontro da materialidade objetiva do texto e do significado sagrado a ele atribuído, ou seja, na forma ritual de utilização e manejo do livro e no texto sagrado, encontram-se materialidades e significados que se constituem simultaneamente.

Enfim, à guisa de uma breve síntese do trabalho, o terceiro tópico colocou em evidência a textualidade religiosa, isto é, o texto sagrado, como o ponto de intersecção do material e do significado – também dotado de uma historicidade material que o constitui – como elementos indissociáveis na compreensão da literatura religiosa. O texto sagrado em suas múltiplas mediações sociais, culturais e históricas é dotado de uma materialidade literária enquanto livro e enquanto mediação da experiência religiosa. Em suma, percebe-se que o texto sagrado, compreendido sob a ótica da análise da materialidade dos textos sagrados é uma via promissora para aprofundar os estudos da experiência religiosa como componente incontornável de um olhar crítico, profundo e epistemologicamente confiável da realidade enquanto permeada pela religião.

Referências

DOHMANN, M; Cultura material: sobre uma vivência entre tangibilidades e simbolismos. *Diálogo com a Economia Criativa*, Rio de Janeiro, v.2, n.6, p. 41-53, set./dez. 2017.

FERRAZ, Thaís Chaves. *As coisas no Islã*: materialidades na vida cotidiana de muçulmanos do Rio de Janeiro e São Paulo. 2022. 304 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/34487. Acesso em: 19 abr. 2025.

HUTCHINGS, Tim; MCKENZIE, Joanne (ed.). *Materiality and the Study of Religion*: The Stuff of the Sacred. Abingdon: Routledge, 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Petrópolis: Vozes, 2019.

MEYER, B. Como as coisas importam: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer. E. Giumbelli; J. Rickli; R. Toniol (orgs.). Porto Alegre: UFRGS, 2019.

MORGAN, David. Material analysis and the study of religion. *Materiality And The Study Of Religion*, [S.l.], p. 14-32, 1 dez. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/345619434_Material_analysis_and_the_study_of_religion. Acesso em: 30 mar. 2025.

MORGAN, David. *The Sacred Gaze*: Religious Visual Culture in Theory and Practice. Berkeley: University of California Press, 2005.
MÜLLER, Juliane. Manuscritos afro-islâmicos do Brasil oitocentista: os amuletos árabes da coleção Nina Rodrigues. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 61, p. 78–117, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/36595. Acesso em: 19 abr. 2025.
NOGUEIRA, P. A. Práticas mágicas no cristianismo primitivo: estudos da religião popular nos amuletos cristãos. *Caminhando*, v. 25, n.1, p. 27-45, jan./abr. 2020.
PALS, Daniel L. *Nove teorias da religião*. Petrópolis: Vozes, 2019.
SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura*. Petrópolis: Vozes, 2019.
SOUZA, Patrícia Rodrigues de. Pensar a religião através das coisas. *Rever*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 237-252, 2 dez. 2022. PUC-SP. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/57563. Acesso em: 30 mar. 2025.
SOUZA, Patrícia Rodrigues de. Religião material: o estudo das religiões a partir da cultura material. 2019. 189 f. Tese (Doutorado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, PUC-SP, São Paulo, 2019. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/22539. Acesso em: 30 mar. 2025.
TONIOL, Rodrigo. A virada material nos estudos de religião. *Ciencias Sociales y Religión*, Campinas, SP, v. 26, n. 00, p. e024018, 2024. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8676147. Acesso em: 30 mar. 2025.
VÁSQUEZ, Manuel A. *More Than Belief*: A Materialist Theory of Religion. Oxford: Oxford University Press, 2011.